

ASHTAROTH

Maldito seja o deus
que chama a si mesmo o Único!

E malditos sejam aqueles
que se curvam perante ele!

Malditos sejam eles e o deus deles,
malditos até ao final dos tempos!

PRÓLOGO

Vejam, a escuridão cobre a terra,
e o fedor de Zabaoth preenche o ar!

Ele é o deus da escravidão,
e onde ele põe os seus pés,
aí todos perdem a sua liberdade.

Ele é o inimigo da vida,
e onde ele governa,
aí ele força a carne a decompor-se.

Ele é o príncipe da fealdade,
e onde ele põe o seu olhar,
aí a beleza vela-se a si própria.

Cuidado,
pois Zabaoth e o seu rebanho vagueiam pela terra;
e eles não irão tolerar quem não vaguear com eles!

*

Mas o dia chegará, em que Ashtaroth cruzará o abismo dos séculos, e o reino da escuridão tremerá perante ela.

I

ORIGO

Do pó da terra nasceu o homem.

E o homem dominou a terra, sobre a qual ele pôs os seus pés. Ele dominou cada criatura viva e cada rocha inanimada.

E o homem reconheceu os deuses, e reconheceu a sua força, de forma que ele se curvou sob a sua vontade. Assim os deuses governaram o homem, e o seu poder era grande.

A mais poderosa entre todos os deuses era Belet-ili, a Grande Mãe, a criadora da vida. O homem agradeceu-lhe as suas dádivas, que ele recebia e que vinham do seu ventre.

E assim como Belet governava a terra, também Ereshkigal governava o submundo. Para aí ela conduzia as almas de todos os mortais cuja vida tinha terminado. Grande era o poder de Ereshkigal. Pois tudo o que nascia pela Grande Mãe, seria mais tarde devorado pela Deusa Negra.

A mais bela e mais esplêndida de todas as deusas, no entanto, era Ashtaroth. Ela possuía a beleza sublime do crescente, que ilumina a noite com a sua luz. E o fogo da paixão fazia o seu corpo brilhar tão esplendidamente que todos os homens mortais eram consumidos de desejo por ela.

Vermelha era a cor da sua alma, vermelha como o fogo, vermelha como o sangue, vermelha como a cor da vida. Ela era a senhora do amor e da força, da vida e da batalha.

Os seguidores de Ashtaroth eram numerosos entre os mortais, pois todos os que amavam a vida adoravam-na. Em cada cidade na terra, grandes templos eram construídos para ela. Aí os mortais sacrificavam-lhe as suas oferendas e satisfaziam os desejos da carne.

O maior e mais magnífico templo entre todos esses templos tinha sido construído na cidade de Helal, pois a cidade era habitada por um povo forte e esplêndido. Liberdade e amizade para com todos os estranhos eram consideradas a maior virtude. Assim, o comércio florescia na cidade. Muitos mercadores vinham de longe para Helal para trocar os seus bens. Assim a cidade era rica em prosperidade, e o crescente de Ashtaroth brilhava beneficentemente.

Em mais nenhum lugar podia ser visto mais esplendor e extravagância que em Helal. Cada rua era decorada com pedras preciosas. Nenhum cidadão tinha de trabalhar, porque mais de uma dúzia de servos servia cada um deles. Assim o homem vivia afortunado sob o reino de Ashtaroth. Agradecidamente eles louvavam a sua deusa e ofereciam os seus sacrifícios generosos.

Mas a abundância de Helal provocou a inveja do povo, que se lamentava com o fardo do seu trabalho diário nos campos e nas

aldeias. Também Belet-ili, a Grande Mãe, estava descontente ao ver o egoísmo desta cidade e da sua deusa.

Assim falou ela para Ashtaroth, a senhora de Helal: « Tu não seduzirás o povo desta cidade contra a ordem divina! Tu fizeste-os esquecer os costumes veneráveis das suas mães e fizeste-os não ter consideração pelas leis da natureza. Em vez da fertilidade do ventre, eles honram a fertilidade do ouro. Tu fizeste com que eles profanassem o seu género sagrado, de forma a servir aos seus desejos, em vez de produzirem nova vida através dele. Lembra-te da tua natureza feminina! Uma vez que é o teu destino, assim como o destino de todas as mulheres que te servem, de copular com um homem e criar nova vida através da semente dele ».

Mas Ashtaroth respondeu com desdém: « Nunca irei eu poluir o meu corpo imaculado com gravidez! Com desprezo eu olho para essas mulheres com as suas barrigas inchadas, que perdem a sua graça feminina degradando-se ao papel de mães ».

Com esta difamação, Belet ficou extremamente irada. Ela convocou todas as mães supremas do país para enviarem os seus filhos contra Helal, e para subjugar Ashtaroth. Mas ela agarrou no escudo e na espada e destemida encarou os seus inimigos. Muitos dos guerreiros atacantes ficaram admirados com a bravura e orgulho altivo da deusa graciosa, e então abandonaram o exército das suas mães para a seguirem daí em diante.

Quando Belet soube do exército de guerreiros que se tinham aliado a Ashtaroth, ela desistiu da batalha. E então ela decidiu deixar Ashtaroth e aqueles que a seguiam, continuarem a sua vida. Mas desde essa altura, a raiva contra a jovem deusa lhe corroeu o coração, e muitas vezes não conseguia controlar a sua fúria.

Uma grande hostilidade permaneceu sempre entre as duas deusas, mas nunca o seu conflito foi decidido numa batalha.

II

STRAGES

Inúmeros foram os anos que passaram. Assim a Deusa Suprema Belet-ili tornou-se cansada e tediosa. E também a sua força começou a diminuir. Os mortais perderam a confiança no seu poder e o medo do conhecimento secreto das suas sacerdotisas.

Também os Deuses masculinos viram quão fraca a Grande Mãe se tinha tornado. E quando eles se aperceberam da sua própria força, começaram a ter dúvidas sobre a legitimidade do reino de Belet. Então Anu, que era o seu líder, falou assim para os seus filhos:

« Desde o início do tempo que a Grande Mãe tem governado sobre a terra. Mas eu faço-vos esta pergunta:

Sobre quais fundações está o seu poder construído?

É uma espada que a torna invencível na batalha?

É um exército, ao qual nenhum inimigo consegue resistir?

Ou não é apenas falsa magia sem qualquer verdadeiro poder?

Não são apenas velhas histórias de esposas para assustar as crianças pequenas?

Vejam, nas nossas mãos estão espada e escudo! Este é o verdadeiro poder, o qual consegue forçar qualquer inimigo a ajoelhar-se.

Então, punhamos um fim ao reinado das mulheres velhas! Praga e lepra apegam-se ao seu poder. Os seus fracos membros não seriam capazes de sequer erguer uma espada, e a sua magia

perdeu a sua força. Jamais alguma mulher irá governar sobre o homem! Ergam as vossas espadas e esmaguem o reinado das mulheres com golpes vigorosos! ».

Com entusiasmo os deuses seguiram o seu líder. Então eles foram ao templo da Grande Mãe para derrubar o seu trono.

Quando Belet viu o exército dos deuses a aproximar-se, ela saiu com a mais poderosa das suas sacerdotisas para ver aqueles que erguiam as armas contra si. Os deuses, no entanto, pararam, quando eles contemplaram o rosto irado da senhora deles.

E a grande sacerdotisa de Belet ergueu a sua voz contra aqueles que seguiam Anu, e disse: « Porque vindes vós com armas colossais ao templo de vossa mãe? Tende-vos porventura esquecido do respeito para com a deusa suprema, de quem vós sois filhos, em vossos formidáveis espíritos elevados? Parai de uma vez, ou o feitiço da Grande Mãe cairá sobre vós! »

Então os deuses pararam. Apenas um entre eles, que era chamado Chusor, avançou. Porque ele era o ferreiro dos deuses, o qual tinha forjado as suas armas. E ele não receava nem magia nem feitiçaria, mas apenas o poder do metal. Então Belet lançou a sua maldição sobre ele. E tão rápido quando ela acabou de pronunciar as palavras, Chusor perdeu o fôlego, pois o ar nos seus pulmões tinha-se tornado veneno. Terríveis câimbras assolaram o seu corpo, pelo que ele atacou por todos os lados com fúria selvagem, e esmagou o seu tornozelo com o seu próprio martelo. A força do veneno não foi capaz de o matar,

mas a ferida no seu tornozelo nunca ficou curada, razão pela qual ele é chamado de Deus Coxo desde essa altura.

Quando Anu viu a forma como Belet atacou o seu filho com a maldição, ele ficou furioso. Ele brandiu a sua espada contra as sacerdotisas da Grande Mãe e matou-as todas, uma vez que elas se puseram à sua frente para proteger a deusa delas. Também os outros deuses se lançaram na batalha. E juntos eles destruíram o enorme templo, até que não restasse pedra sobre pedra.

Assim, Belet, a maior de todas as deusas, foi derrotada. E ela foi forçada a submeter-se a Anu, que passou a governar a terra em seu lugar.

E também Ereshkigal foi expulsa do seu reino no submundo. Ela então procurou refúgio na escuridão da noite, onde ela vagueia sem descanso juntamente com os seus discípulos.

Apenas Ashtaroth prevalecia em seu trono. E embora ela fosse desprezada por Belet e suas filhas, ela mesmo assim defendeu o poder das antigas deusas contra Anu e seus filhos.

Uma vez que Anu temia o espírito guerreiro de Ashtaroth, ele enviou Assur, o mais poderoso guerreiro entre os seus filhos, contra ela.

Mas Ashtaroth tinha consciência que Assur lhe era superior em força. Então ela montou Baldium, o seu corcel negro, o qual ela em tempos roubara do submundo, e encarou o divino guerreiro na batalha cavalgando-o.

Com toda a sua formidável força Assur brandiu a sua espada contra Ashtaroth. Mas o corcel negro dela lançou-se como uma tempestade do deserto sobre Assur, de forma que ele não atingiu a sua oponente com nenhum dos seus golpes. Por mais que tentasse, ela sempre lhe escapava montada no corcel negro do inferno, antes de ele a conseguir atingir com o seu braço. E dessa forma a fúria do guerreiro crescia cada vez mais, sempre que Ashtaroth lhe escapava e a sua língua afiada zombava dele. Guiado pela sua fúria sobrehumana ele perseguiu a deusa, até que finalmente ele caiu ao chão sem forças. Assim finalmente Ashtaroth conseguiu subjugar o deus destituído da sua força. Derrotado e acorrentado ela o levou para Helal.

Com grande desânimo Anu ouviu falar da derrota desonrosa do seu filho Assur. Em consequência disso ele reuniu todo o exército dos deuses, para que o seu filho, o invencível guerreiro Marduk, o liderasse para fazer guerra contra Ashtaroth.

Mas Ashtaroth, que viu o exército aproximar-se de longe, agarrou no seu arco e lançou mortíferas setas contra os seus inimigos.

Muitos daqueles que seguiam Marduk foram atingidos por elas, até que finalmente o líder dos deuses comandou ao seu exército que parasse.

E então ele cercou a cidade de Helal por duzentos e sessenta dias e duzentas e sessenta noites. E de cada vez que o crescente lunar diminuía no céu, a sorte ficava do lado de Marduk. Mas quando o crescente aumentava em poder e tamanho, também o

poder da sua deusa Ashtaroth aumentava, e os seus guerreiros expulsavam os agressores dos muros da cidade.

Entretanto, Assur foi trazido da sua masmorra à presença de Ashtaroth. E ela enfeitiçou-o com todo o seu poder de sedução, para que ele ficasse cego pela sua beleza e esquecesse a sua raiva contra ela. E quando ele prometeu nunca mais dirigir a sua espada a Ashtaroth, ela enviou-o de volta a Marduk, o senhor dele.

Então Assur dirigiu-se ao seu irmão e implorou-lhe pela amizade que os unia que pusesse um fim àquela batalha sem sentido. Entretanto Marduk ficou tão agradado pelo regresso do seu estimado irmão que rapidamente satisfez o seu desejo.

E então Marduk encontrou-se com Ashtaroth, e foi igualmente enfeitiçado pela sua graça, de forma que imediatamente esqueceu a sua inimizade para com ela.

Desta forma os deuses fizeram as pazes com Ashtaroth e com todas as deusas, enquanto estas honraram Anu como o novo senhor dos deuses.

Agora, uma vez que Belet não mais olhava para a deusa de forma suspeita, Ashtaroth tornou-se cada vez mais poderosa, até que o seu poder não mais era inferior ao poder de Anu e de Marduk. Não existia cidade que não lhe construísse um templo. Em qualquer lugar da terra ela era venerada.

As mais belas donzelas e os mais nobres jovens eram-lhe sacrificados, e ela elevava-os do transitório submundo.

E nos seus enormes templos os mortais honravam Ashtaroth pelo êxtase sensual dos seus corpos. E eles honravam as

graciosas sacerdotisas e servas dos templos partilhando com elas as delícias do seu prazer. Pois tudo o que preparava prazeres e benefícios para eles lhes era sagrado.

Grande era a prosperidade entre os humanos nesses dias. E as grandes sacerdotisas e sacerdotes de Ashtaroth vigiavam sobre o bem-estar daqueles que honravam a deusa.

Passaram quatro séculos desde que Anu tinha obtido a liderança sobre os deuses, quando surgiu um poderoso império entre os humanos.

De Mênfis e Tebas o poder do imperador alcançou o mundo. Menés era o nome do imperador, e ele foi abençoado pelos deuses de quem ele era filho. Então uma nova era despontou entre os humanos, a era dos grandes reis e dos seus impérios unindo muitas nações sob os seus reinados.

III

ZABAOOTH

Mais de um milénio tinha passado, desde que Menés estabelecera o império de Mênfis e Tebas. O império tinha crescido. Sem número eram os guerreiros lutando pelos seus exércitos e sem número eram os escravos construindo os seus monumentos.

Nesses dias aconteceu que uma das nações escravas se revoltou contra o imperador. Mas o governante esmagou a rebelião dos escravos e expulsou-os da cidade de Mênfis.

Guiados pela fome e pela sede a nação de escravos vagueou pelos desertos, procurando refúgio numa montanha chamada Horeb.

Nessa montanha, no entanto, vivia um deus sinistro chamado Zabaoth. E todos os fracos e miseráveis se escondiam ao seu abrigo, o mais insolente de todos os deuses, porque ele os aliciava com palavras doces e lisonjeiras. E eles lambiam a saliva fermentada que corria dos seus lábios.

Uma vez que os seus discípulos consistiam apenas em fracos e doentes, ele olhava invejosamente para os outros deuses, devido ao seu fascínio e esplendor. Em particular, a beleza de Ashtaroth atormentava os seus pensamentos impuros. E devido às suas inclinações perversas ele apenas se sentia atraído pelo seu próprio género, enquanto odiava a pureza das mulheres desde o fundo da sua alma.

Quando Zabaoth viu que a nação de escravos procurava refúgio com ele, a ganância acendeu-se nos seus olhos, e ele planeou subjugar a nação à sua vontade.

Assim elevou ele a sua voz e falou à nação dos escravos: « Eu sou Zabaoth, o senhor da montanha. Por que razão vos dirigis a mim? »

E os escravos responderam: « Justiça é aquilo que procuramos ». E então Zabaoth ordenou: « Submetei-vos a mim e eu dar-vos-ei justiça! »

Mas os escravos responderam: « Em tempos nós submetemo-nos. Porque era o senhor de Mênfis e Tebas que nos manteve em escravidão e contra quem nos rebelámos. Agora nós procuramos vingança para a injustiça que sofremos. »

Em consequência, assim falou Zabaoth:

« Ouvi as palavras de Zabaoth!

Aqueles que me seguem não mais sofrerão com injustiça. Eu serei o vosso senhor, e serei o senhor daqueles que vos subjugaram.

Não existirão mais mestres nem escravos entre os humanos, e todos os humanos serão iguais ».

Com grande prazer os escravos ouviram as palavras do deus. E prontamente aceitaram subjugar-se a ele.

Mas Zabaoth não tinha em mente libertar os escravos, mas sim escravizar também aqueles que eram livres. No seu reinado todos seriam iguais, não iguais em liberdade, mas iguais em escravidão.

Mas ninguém daqueles que o seguiam se apercebeu da iniquidade de Zabaoth. Pois não é a liberdade que é o desejo dos

escravos, mas o desejo de que não haja ninguém menos escravizado do que eles próprios.

A inveja é a maior motivação dos escravos. E Zabaoth satisfaz a sua inveja prometendo-lhes destruir aqueles que causavam a inveja dos escravos.

Assim falou Zabaoth à nação de escravos:

« Vós sois o povo que eu escolho. Dessa forma estabalecereis uma aliança comigo. Submetei-vos às leis que vos imponho, e recebereis a vossa justa recompensa.

Mas não durante a vossa vida recebereis a vossa recompensa, mas na vossa morte!

Desprezai os prazeres e delícias da vida, pois eles irão diminuir os prazeres e delícias que vos aguardam depois da morte!

Desprezai tudo aquilo que até agora era considerado sagrado, pois eu vos direi o que será sagrado! A humildade será chamada orgulho de agora em diante, e a fraqueza será chamada força. A força no entanto vós chamareis de fraqueza. Também a escravidão vós chamareis de liberdade, e à liberdade chamareis de crime. Sim, vós desprezareis tudo o que até agora era chamado de sagrado.

E desprezai Marduk e Ashtaroth, pois eu serei o vosso único deus! Não tereis além de mim outros deuses, os quais enfurecem a minha inveja!

Desprezai todos os que não são como vós, pois vós vos tornareis um só rebanho, e eu serei o vosso pastor! Não existirá ninguém que se destaque do rebanho. Extingui todos os que não queiram ser como o rebanho é!

E também, desprezai as mulheres! Subjugai-as, não ouvi as suas palavras! Pois elas irão seduzir-vos para os desejos da carne, que

vos corromperão. Elas são uma imagem da meretriz Ashtaroth, que não se submete ao homem humildemente, e que polui a terra com a sua depravação.

Dessa forma circuncidareis o vosso género como uma marca da aliança, e como sinal do vosso desprezo por todos os desejos da carne que Ashtaroth usa para vos seduzir.

Respeitai as leis que vos imponho, e a minha boa-vontade estará sempre convosco! Nunca mais vos preocupareis, pois eu determinarei o vosso destino ».

E assim a nação dos escravos estabeleceu uma aliança com Zabaoth. Não mais era Zabaoth apenas o deus de uma montanha onde fracos e perseguidos procuravam refúgio, agora ele tinha-se tornado o deus de toda uma nação.

E Zabaoth tornou a nação de escravos o seu exército. E ele tornou-os um grande exército.

De seguida ele enviou os seus cinco senhores da guerra em direcção ao sol nascente, para conquistar a terra que ele queria governar.

Grande era a perícia dos senhores guerreiros de Zabaoth, de forma que cedo as cidades caíram, que eles invadiram com as suas tropas.

O maior dos senhores da guerra, no entanto, era Belial. E grande poder lhe foi concedido por Zabaoth, o seu senhor.

Então Belial não queria mais prostrar-se ao seu senhor e estar ao serviço da sua vontade. Assim, Belial ergueu-se contra o seu senhor.

Terrível foi a batalha dos dois oponentes. Mas finalmente os outros quatro senhores da guerra de Zabaoth quebraram o poder de Belial. E ele foi atirado da face da terra para o submundo.

Aqui ele aguarda expectante pelo dia em que o reino de Zabaoth começará a esmorecer, e erguer-se-á de novo para livrar novamente a terra do poder de Zabaoth.

IV

ISABELL

Nesse tempo existia uma cidade, que era chamada Sidon. Leais servos de Ashtaroth eram o povo de Sidon, e então a cidade era uma fonte de riqueza e prosperidade.

Mas a abundância de Sidon cedo excitou a ganância de Ithobal, o senhor da guerra de Tyros. E assim a frota de batalha de Ithobal invadiu Sidon.

E Ithobal não parou sequer perante o templo de Ashtaroth, mas proclamou-se a si próprio sacerdote da deusa, roubou os seus santuários e violou as donzelas do templo, cuja beleza lhe agradava. Dessa forma ele coroou-se a si mesmo rei de Tyros e Sidon e louvava-se a si mesmo no seu poder.

O seu povo no entanto desprezava-o, uma vez que ele tinha cometido sacrilégio contra Ashtaroth. Então ele dirigiu-se a Atalana, a grande sacerdotisa do templo, ameaçou-a de morte e forçou-a a abençoá-lo em nome da sua deusa. Agora, uma vez que a sua supremacia estava assegurada, ele regressou a Tyros e desfrutou da sua abundância.

Ithobal reuniu numerosas mulheres no seu palácio. E cedo nasceu-lhe uma filha, à qual ele chamou Isabell. E uma vez que ele a amava mais que tudo, ele determinou que ela seria a sua sucessora no reino.

Quando Isabell completou três anos de idade, ele enviou-a a Sidon acompanhada do mais corajoso dos seus guerreiros, onde a grande sacerdotisa de Ashtaroth lhe daria a sua bênção.

E Atalana abençoou-a de acordo com a vontade do seu pai. Mas ao mesmo tempo ela consagrou a alma da pequena garota à sua deusa, de forma que ela se tornou uma só com Ashtaroth.

E Isabell tornou-se una com a vontade e com o pensamento de Ashtaroth, e a deusa olhava através dos seus olhos e falava através da sua boca.

De seguida a grande sacerdotisa enviou Isabell de volta para Tyros, para o seu pai.

E quando ele notou na transformação que ocorrera com Isabell, ele começou a lamentar-se, e o seu coração encheu-se de dor pelo amor perdido pela sua filha.

Também a mãe de Isabell reparou na transformação e na tristeza que sobreviera ao seu marido. Assim ela foi até Tyros, pedir à grande sacerdotisa para retirar o feitiço da sua filha.

Atalana no entanto seduziu a mãe de Isabell pela beleza do seu corpo imaculado, de modo que ela se inflamou de amor por ela.

Juntas as duas mulheres dedicaram-se à paixão dos seus desejos e amaldiçoaram Ithobal e o seu reino.

A sua devassidão tornou-se mais e mais desenfreada, até que finalmente a grande sacerdotisa sacrificou a vida do seu amor sobre o altar de modo a satisfazer os desejos de ambas.

Quando Ithobal soube da morte da sua mulher, a sua tristeza tornou-se ainda mais profunda. E de cada vez que ele olhava

para a sua filha o seu coração enchia-se de medo, e ele sentia a maldição de Ashtaroth, que cada vez mais pesava sobre ele.

Embora ele tivesse proclamado o seu filho Belizar como seu sucessor, ele não era capaz de fazer qualquer mal a Isabell nem de a expulsar do seu palácio. Assim ele era atormentado durante a noite por terríveis pesadelos, e durante o dia trancava-se na sua câmara de forma a escapar aos olhos da sua filha.

Doença e fraqueza abateram-se sobre o seu corpo, decadência e ruína sobre o seu poder.

Assim Ashtaroth puniu aqueles que cometeram sacrilégio contra ela.

Entretanto o poder do Deus Sombrio Zabaoth crescia a sul.

E assim ele reparou na cidade sagrada de Helal. A prosperidade e liberdade dos seus habitantes no entanto corroíam dolorosamente a sua alma corrupta e enchia de inveja os corações daqueles que o seguiam.

Assim Zabaoth enviou os seus espiões a Helal para o informarem sobre a cidade sagrada de Ashtaroth.

Excessivamente o povo de Helal se dedicava a todos os prazeres. E eles permitiam nenhuma restrição aos seus desejos. Na sua inocente alegria pela vida as mulheres copulavam com os seus irmãos e filhos, e os homens com as suas irmãs e filhas. Até mesmo os animais das casas das pessoas partilhavam os seus desejos. Porque Birsha, a sua rainha, era uma mulher benevolente que lhes garantia liberdade, e não existia lei que ela não violasse para dominar o seu povo.

Mas não apenas prazeres sensuais, mas também comércio e prosperidade floresciam na cidade. Helal tinha-se tornado uma

delícia aos olhos da sua deusa, e um oásis de vida para os povos do deserto, que vinham de todo o lado.

Em hospitalidade os enviados de Zabaoth foram recebidos na cidade. Uma vez que eles eram controlados por imundos e impuros pensamentos, eles foram tomados por grande aversão vendo como os habitantes de Helal se dedicavam aos prazeres sensuais. Porque onde a alma bela e pura só vê as coisas belas e puras, a alma feia e repugnante só vê as coisas feias e repugnantes.

Eles eram cegos às atrações e às artes de sedução das atraentes filhas de Helal, pois apenas o seu gênero agrada aos olhos dos escravos de Zabaoth. Eles tapam o corpo das suas mulheres, para que não precisem de ver qualquer fêmea. E apenas na escuridão eles partilham os seus leitos com ela para forçá-las a procriar. Eles desprezam as próprias filhas e separam-nas dos seus filhos, a quem eles unicamente amam. Mas como desta forma a natureza é ofendida, assim ela olha em ganância doentia através dos olhos daqueles que pecaram contra ela. Assim eles sentem repugnância pelo que eles vêem, pois é repugnância que eles sentem por si próprios.

E assim a beleza e o esplendor da cidade sagrada provocou aversão e nojo aos espiões de Zabaoth. Tomados por medo e horror eles correram de volta até ao seu deus de forma a relatarem com palavras imundas sobre o reino de Ashtaroth sobre Helal.

Quando Zabaoth ouviu os relatos dos seus espiões ele foi tomado por uma raiva furiosa, pois ele não suportava ver humanos em fortuna e liberdade. Em escravidão é que ele os

queria. No pó eles deveriam arrastar-se perante si e medrosamente implorar pela sua misericórdia. Na eternidade da morte, não nos prazeres sensuais da vida, deveriam eles procurar pela sua fortuna.

E assim Zabaoth soltou um estrondo furioso que abanou o chão, e o seu bafo pútrido soprou até longe pela terra. De seguida ele soltou a terrível força do seu ódio sobre a cidade santa de Helal. Com enxofre e fogo ele a sufocou. Horrível foi a miséria que o deus cruel lançou sobre o povo de Helal. E nem um dos habitantes da cidade escapou à raiva demente de Zabaoth.

E quando ele finalmente satisfez a sua ganância por destruição, ele ordenou ao seu povo que exterminasse todos os discípulos de Ashtaroth em toda a terra, para que eles desaparecessem para sempre da face da terra.

Mas cedo Ashtaroth se apercebeu do crime cruel que Zabaoth cometera contra aqueles que a veneravam. E dessa forma ela foi tomada por uma sede de vingança, vingança pela morte dos seus servos e vingança pela ofensa ao seu poder divino.

E assim proclamou Ashtaroth:

« Maldito seja Zabaoth!

E malditos todos aqueles que o seguem!

Até ao fim dos tempos existirá guerra entre Ashtaroth e Zabaoth!

E não haverá paz enquanto pelo menos um dos escravos do mais miserável dos deuses contaminar o ar da terra com a sua respiração impura! »

Isto foi o início da Grande Guerra, a qual durou até ao dia presente e que nunca terá fim, até o último escravo de Zabaoth ser destruído.

De seguida, Ashtaroth procurou pela sua profetiza Isabell que entretanto tinha doze anos, para ir até ao templo de Sidon.

E Ashtaroth falou-lhe:

« Vai até Sebaste, até à cidade onde o Rei Ahab governa sobre o reino de Zabaoth, e cumpre o teu destino! »

Seguidamente deixou Isabell o reino do seu pai para ir em direcção ao sul, onde Zabaoth escravizava os mortais.

Trinta e seis dias e trinta e seis noites ela vagueou pelo deserto. Durante trinta e seis dias o sol sugou a energia do seu jovem corpo, e durante trinta e seis noites o frio fez o seu corpo tremer.

No entanto aconteceu no mesmo dia que o Rei Ahab regressou à sua morada depois de uma campanha de guerra, e aí ele viu a forma de Isabell, que cruzou o seu caminho.

Quando ele viu a fraqueza e exaustão da pequena miúda, ele ordenou aos seus guerreiros para lhe darem água e alimentarem-na. E uma vez que ela tocou o coração dele, ele levou-a até Sebaste.

Mas quando eles cruzaram os portões da cidade Isabell olhou em sua volta, e surpreendida ela perguntou ao rei de Sebaste:

« Dizei-me, Ahab, onde estão os cidadãos livres da vossa cidade? Pelo contrário, apenas escravos eu vejo. »

Envergonhado o rei não foi capaz de lhe responder.

Por isso Isabell perguntou ao rei de Sebaste: « Dizei-me, Ahab, onde estão as mulheres na vossa cidade? Em lugar delas, apenas fantasmas velados eu consigo ver! »

De novo o rei ficou tão envergonhado que não lhe conseguiu responder.

E Isabell perguntou ao rei de Sebaste: « Dizei-me, Ahab, onde estão os deuses na vossa cidade? Apenas Zabaoth, o mais miserável deles, eu consigo ver. »

E desta vez também, o rei não foi capaz de lhe responder devido à vergonha que sentia.

Assim eles chegaram finalmente ao palácio de Sebaste, onde Isabell recuperou da sua difícil viagem.

No entanto na manhã seguinte, quando ela foi chamada até Ahab para tomar o pequeno-almoço com ele, os sacerdotes de Zabaoth indignaram-se e gritaram:

« O que está a meretriz idólatra de Sidon a fazer à mesa com o rei? Levem esta criatura desavergonhada para os quartos que são reservados às mulheres! »

Então a jovem Isabell pegou na sua adaga e trespassou o coração do sumo-sacerdote de forma que ele faleceu imediatamente, antes que pudesse contaminar mais o ar do palácio com as suas palavras venenosas.

Por isso os outros sacerdotes começaram a gritar furiosamente e ameaçaram o rei com a ira de Zabaoth.

Mas Isabell disse: « Ouvi, Ahab! Esmagai esses vermes venenosos de Zabaoth que infiltram a vossa cidade como úlceras apodrecidas! Confiai nas minhas palavras, pois eu falo em nome de Ashtaroth! Não tenhais medo da fúria do mais miserável dos

deuses, pois ele não se atreverá a virar-se contra vós enquanto a mão de Ashtaroth vos proteger. »

E Ahab apercebeu-se do poder da deusa que falava pela boca da pequena miúda. E quando ela lhe propôs que limpasse a cidade da imundície, ele deixou que se fizesse como ela disse.

Imediatamente Isabell fez com que os sacerdotes de Zabaoth fossem decapitados, os quais haviam ofendido a sua deusa, e mandou que se espetassem as suas cabeças em postes altos, que ela colocou à volta do palácio.

De seguida ela dirigiu-se aos santuários da cidade e apagou a imundície de Zabaoth, para que se tornassem novamente locais sagrados agradáveis aos olhos de Ashtaroth.

Uma vez que a covardia governava os corações perversos dos sacerdotes e profetas de Zabaoth, eles não conseguiram opor-se à ira de Isabell. E assim eles tentaram escapar à poderosa profetiza de modo a salvarem as suas vidas miseráveis, que eles chamavam de suas próprias.

Mas apenas um deles conseguiu escapar, porque a sua covardia e iniquidade excediam as dos outros. Elias era o seu nome. E ele escondeu-se nas montanhas enquanto as almas dos seus companheiros se erguiam no fumo dos fogos sacrificiais até Baldium, o cavalo negro do inferno, os devorar para prazer de Ashtaroth.

Assim Zabaoth foi expulso da sua própria terra. Ele perdera o seu próprio povo para Ashtaroth, e essa perda pesava-lhe dolorosamente na sua alma.

Uma vez que o deus sombrio não se atrevia a aproximar-se do poder de Ashtaroth que governava sobre Sebaste, ele satisfez a

sua raiva molestando os habitantes das terras que circundavam a cidade. A última gota de água ele roubou-lhes, para que o seu gado e os seus campos comesçassem a desvanecer-se.

Mas Ahab, o rei da cidade, teve compaixão do povo, e então dirigiu-se a Isabell para receber os seus conselhos, de forma a implorar a ajuda da sua deusa.

A profetiza, no entanto, rejeitou-o e disse: « Força e orgulho é aquilo que Ashtaroth exige, não fraqueza e humildade. Altivo é que vos apresentareis perante Ashtaroth, não rastejando como os escravos. Ela não deseja ouvir as vossas súplicas e lamúrias. Para esse deus escravo miserável o vosso choro poderá ser bom o suficiente, mas não para ela. Tomai as vossas espadas e lutai! Então quando regressardes com orgulho intacto, Ashtaroth vos ouvirá com prazer. »

Então no seu desespero Ahab enviou os sacerdotes de Marduk a Elias para propor tréguas a Zabaoth. Mas o pérfido Elias incitou o povo contra Maduk, de maneira que eles massacraram todos os seus sacerdotes.

Quando Isabell ouviu as notícias sobre a iniquidade deste crime, ela foi tomada pela raiva. Em consequência, ela quebrou o feitiço de Zabaoth e forçou a chuva a cair pelo poder da sua deusa. E ela enviou os guerreiros de Sebaste para prenderem Elias. Mas o profeta do deus sinistro fugira e abrigou-se na cabana de uma velha viúva, a qual ele subjugou com ameaças maléficas.

Então, quando o povo de Sebaste se apercebeu que Isabell os salvara da praga e da fome, eles vieram até ela em grandes números para ouvir as palavras que ela lhes ensinava.

E então eles pediram: « Dai-nos as leis de Ashtaroth! Pois nós queremos viver de uma forma que agrade à deusa. »

Mas Isabell respondeu-lhes:

« Apenas uma lei eu vos darei. Vós não tolerareis qualquer lei, assim está escrito. Pois onde a lei governa aí a liberdade não pode existir, e é pela liberdade que vós lutareis. Até é verdade que nenhuma recompensa vos aguarda e nenhuma punição vos ameaça, mas liberdade será a vossa recompensa, e a sua perda será a vossa punição. »

Dessa forma o povo que tinha vindo ter com ela pediu: « Então dissei-nos a maior de todas as virtudes! »

E Isabell respondeu-lhes: « Orgulho. »

E eles perguntaram à profetiza: « E qual é o maior de todos os pecados? »

E Isabell respondeu-lhes: « Humildade. Pois o humilde peca contra si próprio. »

Depois de Isabell ter falado desta forma, ela olhou para o círculo daqueles que a seguiam. Para sua grande surpresa ela não conseguiu ver nem uma arma entre eles, nem uma espada nem um punhal.

Assim, disse-lhes Isabell: « Quem sois vós, a quem eu dirijo as minhas palavras? Cidadãos livres eu julgava que vós éreis, mas apenas escravos eu consigo ver. »

Impetuosamente os cidadãos de Sebaste a contradisseram e declararam a sua liberdade do jugo do imperador de Mênfis e Tebas, do qual eles haviam escapado.

Isabell, no entanto, declarou-lhes: « É verdade que vós vos haveis livrado das correntes, mas sabeis isto, livre pode ser apenas aquele que leva armas consigo. Vide, é pela lâmina de aço que

vós reconheceréis o homem livre assim como a mulher livre! Jamais vos apartai dela, enquanto não estiverdes na vossa própria casa. E mesmo durante o sono haverá sempre um punhal próximo de vós. O homem torna-se um escravo e a mulher uma esposa, quando não existe uma lâmina ao seu lado. Eu digo-vos isto, para que possais proteger a vossa liberdade. Pois esse é o bem mais supremo que podereis possuir. »
Estas foram as palavras que a profetiza de Ashtaroth dirigiu aos humanos.

Os anos passaram, e nem uma das profecias vingativas previstas pelos sacerdotes de Zabaoth se tornou realidade. O reino de Ahab expandiu-se até uma dimensão nunca antes atingida por qualquer um dos seus precessores.

Desapontado com a covardia do seu deus, Elias entretanto engendrou os seus planos sinistros. Ele incitou os inimigos do rei contra ele, e numa das batalhas entre o exército de Sebaste e os seus inimigos, Ahab foi finalmente morto pelas costas por uma seta traiçoeira.

Mas mesmo a morte do rei não podia satisfazer a sede de vingança do pérfido Elias. Então ele pronunciou a sua maldição sobre o filho de Ahab, que tomara o lugar do seu pai. E cedo ele foi acometido por uma enfermidade prolongada, até que finalmente faleceu.

Mas as actividades sinistras de Elias não podiam ser ocultadas de Isabell, pois ela via com os olhos da deusa. E então ela descobriu o profeta criminoso e toda a corrupta escumalha dos seus camaradas, que o acompanhavam.

Então Isabell disse: « Maldito seja Elias, o corruptor do seu povo! A fúria de Ashtaroth cairá sobre ele como uma tempestade! As forças da natureza tornarão o seu corpo corrupto em pó! E nada dele restará para aqueles que em tempos o tiverem seguido! »

Assim que Isabell terminou de pronunciar estas palavras, o céu escureceu sobre Elias e os seus seguidores. E então um poderoso tornado apareceu sobre eles e varreu o sinistro líder de entre eles. Ele foi desmembrado vivo pela força da tempestade, de forma que o remoinho de nuvens se tornou vermelho com o seu sangue.

E os pedaços da sua carne foram espalhados em todas as direcções do vento, para que os seus seguidores não o conseguissem encontrar, por mais que procurassem.

Assim a maldição de Isabell se realizou. E assim a vingança de Ashtaroth, a deusa dela, foi cumprida.

Por muitos anos, a profetiza Isabell manteve-se próxima dos reis de Sebaste. Mas por mais que ela usasse os seus poderes mágicos, ela não conseguia derrotar o poder do tempo, o qual já começava a deixar a sua marca na beleza imaculada do seu corpo. Dessa forma ela pediu a Ashtaroth para manter a vagarosa senilidade longe dela.

E Ashtaroth falou-lhe: « Não vos preocupais! Porque a decadência jamais arruinará a forma perfeita do vosso corpo. Em eterna juventude perdurarás na memória do homem. »

E quando Isabell preparava a sua partida do mundo dos homens, os seus inimigos supuseram que essa era uma altura favorável para se revoltarem contra o seu reinado.

Um deles era Jehos, o qual servia o rei como capitão e que se tornara seu traidor. Uma vez que Jehos era governado pela covardia à semelhança de todos os escravos de Zabaoth, ele aguardou até que o rei fosse enfraquecido por um ferimento após uma batalha. Então ele e aqueles que conspiravam com ele caíram sobre o rei e perfidamente o assassinaram.

Depois desse ultraje, Jehos dirigiu-se à cidade de Isabell para a tomar à força. Mas penosamente o seu exército falhou contra o poder da profetiza e dos seus guerreiros.

Mas então ele lembrou-se da traição, que sempre fora a mais poderosa das suas armas. E finalmente ele conseguiu corromper dois dos conselheiros de Isabell, os quais a empurraram do topo da muralha, de onde ela via o exército de Jehos.

Assim grande excitação surgiu entre o povo que via esta ofensa, pois era verdade que Isabell tivera caído, mas ninguém conseguia encontrar vestígios do seu cadáver. Assim o destino dela foi considerado incerto, e não havia ninguém que conseguisse dizer de que forma é que Ashtaroth tomara a sua profetiza.

Agora Zabaoth reconquistara o controlo sobre o seu reino. Mas depressa o declínio e a decadência caíram sobre as terras de Sebaste, uma vez que a mão de Ashtaroth não mais vigiava sobre elas. E dificilmente Zabaoth conseguiu evitar que o seu reino fosse esmagado pelos seus inimigos.

V

PROELIUM

À medida que os anos passaram, a arrogância de Zabaoth tornou-se ilimitada. Ele negou todos os outros deuses e declarou-lhes guerra. Na sua falta de moderação ele ainda afirmou ser o senhor e criador do mundo.

Quando agora ele viu o seu poder ameaçado por Ashtaroth ele virou-se para leste, para a terra dos Ários. Ela era governada pelo poderoso deus Mithras, um filho de Anu, o Deus Supremo. Para esta terra Zabaoth enviou o seu profeta Zarathustra. Uma vez que Zarathustra era grande em sabedoria e perícia, ele conseguiu incitar o povo e a abalar o poder de Mithras, e então uma feroz batalha entre Mithras e Zabaoth teve lugar. Mas o deus sinistro cedo conseguiu a vitória pela ajuda do seu profeta Zarathustra. Mithras, no entanto, que tinha sido derrotado, foi banido da terra dos Ários.

Entretanto Belial, o apóstata senhor da guerra de Zabaoth, seguia o caminho do seu antigo mestre, porque a inimizade entre eles continuava inalterada. E onde quer que Zabaoth fosse para governar, aí Belial queria destroçar o seu reino.

Por um longo tempo Marduk, que entretanto era o mais poderoso dos deuses, tinha mostrado paciência para com Zabaoth. Apesar disso, agora que o Deus Sombrio se tornava mais e mais excessivo na sua ganância por poder e tinha banido até o glorioso Mithras do seu reino tradicional, a paciência de

Marduk tinha-se esgotado. E então ele estabeleceu uma aliança com Ashtaroth, que era a mais poderosa guerreira entre os deuses depois de Assur para punir Zabaoth pela sua arrogância. Juntos eles convocaram a grandiosa nação da Babilónia.

Dessa forma os guerreiros da Babilónia invadiram a terra de Zabaoth. E eles esmagaram o reino do deus sinistro. Eles purificaram os templos que estavam repletos da imundície de Zabaoth. O maior dos templos, no entanto, foi demolido, uma vez que o culto de Zabaoth se apegava a ele como lepra. De seguida eles levaram os escravos de Zabaoth como prisioneiros para a Babilónia, pois eles tinham-se mostrado desmerecedores da liberdade.

Eles tinham sido escravos em Mênfis e Tebas e permaneceram escravos na sua própria terra, e então também seriam escravos no futuro.

Quebrado estava o poder de Zabaoth, o seu reino destruído, os seus sacerdotes na prisão. Mais uma vez ele se tornava o mais miserável dos deuses. A escuridão foi retirada de entre os humanos, e a liberdade e a fortuna voltaram para eles.

E Marduk recompensou a nação da Babilónia pelo seu feito, e pô-la no lugar de Mênfis e Tebas, o qual tinha finalmente perdido a sua anterior força após muitos milénios de poder.

Mas o reino da Babilónia durou brevemente. Pois outro reino começou a surgir, o qual iria governar toda a terra. A sua ascensão demorou séculos, mas a sua governação duraria milénios.

A Cidade era a capital do império. E os seus poderosos exércitos cobriram todas as partes do mundo. Era um reino de humanos e não de deuses.

Embora aos deuses fosse prestada reverência, a obediência era devida aos humanos.

Todos os reis da terra tiveram de se submeter às legiões invencíveis da Cidade. E não existia terra que não pagasse o seu tributo à Cidade.

Esta foi a era da Cidade, e os seus anos eram contados desde que a Cidade fora fundada.

VI

CREPUSCULUM

Toda a terra era governada pela Cidade. E também os escravos de Zabaoth tiveram de se curvar ao seu poder. As legiões da cidade eram invencíveis, e nem humanos nem deuses eram capazes de se lhe opor.

Também Zabaoth, o qual fora proscrito por todos os deuses, se apercebeu da força da Cidade. E ele viu os esplêndidos templos que tinham sido construídos para os outros deuses. O seu coração era devorado pela inveja e pela ganância, e a percepção da sua própria miséria fazia-o sofrer. Ele estava mais longe que nunca do poder que ele ambicionava. Todos os seus profetas tinham falhado e todos os seus exércitos tinham sido derrotados.

Então na sua mente surgiu a ideia de criar um filho. Ele queria enviá-lo para os humanos para fazer aquilo que os seus profetas não tinham conseguido.

No entanto, como ele só sentia afecto pelo seu próprio género masculino, ele sentia nojo por todas as mulheres, de forma que ele não era capaz de tocar em nenhuma delas.

Dessa forma, intocada uma mulher conceberia o seu filho.

Então ele escolheu a mais miserável entre todas as mulheres de entre o povo dos escravos, que o serviam. Ela não tinha nem orgulho nem honra, pois ela deixou acontecer que Zabaoth

plantasse a sua semente corrupta nela de uma forma anti-natural. Maria era ela chamada, a Prostituta de Zabaoth.

Então o fruto da danação cresceu no seu corpo desonrado. E as estrelas predisseram a devastação que iria atingir a terra.

Dessa forma os estudiosos disseram ao rei que governava a terra, onde a Prostituta de Zabaoth vivia: « Vide, a estrela do mal está prestes a tocar na estrela do poder! O Corruptor da Humanidade nascerá no vosso reino. A escuridão cobrirá a terra, e toda a esperança irá extinguir-se. »

Então o rei foi tomado por um grande temor. Ele enviou os seus guerreiros em busca do portador do mal.

Entretanto Maria, a Prostituta de Zabaoth, escondeu-se num sítio escuro e escondido para dar à luz o filho do deus sinistro. E assim os guerreiros do rei não a conseguiram descobrir. Muitos recém-nascidos foram mortos por eles no seu excesso de ansiedade, mas a semente da danação escapou à sua espada.

E então Christos, o Corruptor da Humanidade, foi cuspidor do ventre da Prostituta de Zabaoth, de maneira que a calamidade tomou o seu curso.

Enquanto Christos crescia em segredo, Zabaoth enviou um pioneiro para o seu filho.

E assim o sinistro espírito de Elias renasceu. Do passado distante ele regressou, para incitar novamente o povo, para condenar o rei e para proclamar a chegada do Corruptor.

E Elias falou aos humanos, que vinham até ele, para que ouvissem as suas palavras:

« Ajoelhai-vos e submetei-vos! Pois o filho de Zabaoth chegou. Ele derrubará os reis da terra dos seus tronos e quebrará o poder maléfico da Cidade. Amaldiçoados sejam todos aqueles que não

rastejarem perante ele, quando ele estabelecer o reino de Zabaoth! »

No entanto, quando Antipas, o rei, ouviu estas palavras, ele ordenou que Elias fosse preso e lançado na masmorra do seu palácio.

Também Ashtaroth reparara no regresso de Elias. Então ela enviou a filha do rei, que a servia, até à masmorra para verificar o profeta de Zabaoth.

Quando Elias viu a forma do corpo da miúda, ele disse-lhe:

« Deixa-me, fêmea, pois a tua visão indecente insulta os meus olhos! »

Mas a enviada de Ashtaroth respondeu-lhe: « Porque cobres os teus olhos, Elias, se já me conheces? Uma vez eu destruí-te. E agora que tu voltaste, eu destruir-te-ei uma segunda vez. Mas desta vez será para sempre. »

Assim Elias reconheceu a sua adversária, que regressara assim como ele.

Desta forma ele foi tomado por medo e terror, de forma que caiu ajoelhado e implorou pelo seu senhor. Mas ele não o ouviu. Pois onde Ashtaroth reina, aí ele não tem mais poder. Então a filha do rei regressou até Antipas, o qual era conhecido como o seu pai. E uma vez que ele era consumido de desejo pela sua beleza, ela disse-lhe: « Se me realizardes um único desejo, eu dançarei para vós, para que possais apreciar a graça do meu corpo. »

Sem hesitação o rei consentiu, e então ela presenteou-o com a sua dança. E depois de o último dos sete véus, que cobriam os contornos nus do seu corpo, ter deslizado, ela dirigiu-se ao seu pai para lhe pedir a cabeça do profeta em recompensa.

E uma vez que Antipas era um homem de honra, que sempre mantinha a sua palavra, ele tinha de cumprir o seu desejo, embora tivesse receio da fúria de Zabaoth.

Assim, à filha do rei foi trazida a cabeça de Elias, que tinha sido separada do seu corpo. E ela ergueu-a até aos seus lábios, sugando e devorando a alma do profeta morto através da sua boca, para que nada dele restasse e assim não pudesse regressar.

Quando Christos ouviu as notícias do destino do seu pioneiro, ele apercebeu-se do poder dos seus inimigos. E então ele decidiu trazer à terra o reinado de Zabaoth não pelo poder da força, mas pelo poder da sedução.

Com palavras adocicadas ele enganava os humanos. E assim eles se amontoavam ao seu redor, vindos de todos os lados para beber do doce mel vindo da sua boca.

Ele negava a vida, e tornava doce a ideia da morte, e os doentes e fracos vinham ouvir sobre a doçura da morte.

Satisfeito, Christos, o Corruptor, contemplava a fraqueza deles. Pois fracos e miseráveis é que ele os queria, e fracos e miseráveis se deveriam tornar também os fortes.

Dessa forma, assim lhes falava Christos:

« Vós vos tornareis como ovelhas, e eu serei o vosso pastor. Vós sereis um só rebanho, e o espírito do rebanho preencher-vos-á. Vós chamareis amor ao espírito do rebanho, e chamareis pecado àquilo que até agora era chamado amor.

Tende cuidado com aqueles que não querem ser como vós sois! Pois lobos são eles, que querem roubar as ovelhas do rebanho. Dessa forma matai esses lobos! Pois não é a garganta do lobo que deve ser a determinação da ovelha, mas sim o matadouro do pastor.

Abençoadas são as ovelhas que não temem o matadouro: pois a sua salvação será serena e doce. Vide, vós sois as ovelhas e eu sou o salvador! Assim, não temei a morte, mas aguardai alegremente pela salvação! »

Muitos foram seduzidos pelo Corrupto e pelas suas palavras doces.

Mas também haviam muitos entre os escravos de Zabaoth, que pensaram estar a ser traídos pelo seu deus. Eles esperavam a espada, mas apenas recebiam palavras.

Então a raiva deles voltou-se contra Christos, e eles capturaram-no e entregaram-no ao juiz, que era responsável pela terra em nome da Cidade. E quando ele reconheceu o Corruptor da Humanidade, fez com que ele fosse pregado à cruz para quebrar o poder de Zabaoth na terra.

Assim, a isto teve de assistir o Deus Sombrio, enquanto o seu filho era julgado por mãos humanas. Profundamente foi ele atingido no seu coração por aquela derrota. E derrotado ele se retirou para a montanha chamada Horeb, onde ele antes vivera.

Aquele que era suposto trazer a escuridão à terra tinha morrido, mas o seu espírito maligno sobrevivera. E então a semente da corrupção cresceu. Como lepra ela se espalhou entre os humanos. Por mais que os imperadores da Cidade tentassem, eles não conseguiram manter a abominável doença sob controlo, a qual se apoderava da terra.

E finalmente após muitos anos terem passado, o próprio imperador foi apanhado pela doença e a sua alma escureceu. Ele

prostrou-se perante a cruz onde o Corruptor tinha sido executado, e humilhou-se perante Zabaoth.

Ele ordenou que os deuses fossem banidos da Cidade e que os seus templos fossem destruídos. Assim Marduk e Assur, que eram os mais poderosos deuses nessa altura, pereceram nesse mesmo dia.

Belet, no entanto, que outrora governara como a Grande Mãe sobre a terra, teve de se submeter ao poder do deus sinistro. E Maria, a Prostituta de Zabaoth, aceitou-a como sua escrava.

Também Chusor, o Deus Coxo, não foi capaz de escapar às legiões da Cidade. Assim foi ele acorrentado, de modo a servir daí em diante a Zabaoth como seu escravo. Mas um mau servo ele era, pois negligentemente ele cumpria a sua arte, uma vez que as suas mãos estavam presas com correntes.

Entretanto o imperador construiu um templo para o seu deus sinistro, onde desde essa altura reside Kephos, o sumo-sacerdote de Zabaoth.

Os restantes deuses fugiram em direcção ao sul, onde as legiões da Cidade não os conseguiam apanhar. Pois a corrupção que sobreviera sobre a cidade, por causa de Zabaoth, tinha enfraquecido o império. Assim o império foi despedaçado e não mais tinha força.

Quando Zabaoth viu a corrupção que assolava a terra, a sua abominável alma encheu-se de satisfação. Mas o seu triunfo ainda não era perfeito, enquanto o último dos antigos deuses não fosse derrotado e destruído.

Então ele enviou Mahound, o mais terrível dos seus profetas, entre os humanos. Até Jahilia ele o enviou, até à cidade da

liberdade e do comércio. Pois aqui era onde Ashtaroth governava, a mais poderosa entre os adversários de Zabaoth. E foi aqui também, onde o Cão de Zabaoth proclamou a sua doutrina corruptora.

E ele falava sobre o poder de Zabaoth, e sobre escravidão e submissão.

E Submissão ele chamou à sua doutrina.

Ele negou Ashtaroth e o seu poder. Mas o povo de Jahilia riu-se dele e do seu deus. Então ele difamou a deusa com palavras impertinentes e conspurcou os seus templos e santuários.

O povo de Jahilia não permitiu que o sacrilégio contra a sua deusa passasse impune. Eles mataram todos aqueles que seguiam Mahound, e expulsaram o impertinente profeta para fora da cidade.

Dessa forma Mahound e aqueles que ainda restavam do seu bando corrupto procuraram asilo na cidade de Jathrib para aí continuarem o seu trabalho sinistro. Os corações do povo de Jathrib eram fracos, e então eles puderam ser facilmente enganados pelas palavras de Mahound. Eles acreditaram na calúnia e arrogância de Zabaoth e prostraram-se perante ele implorando a sua misericórdia. Satisfeito, Mahound contemplava a credence deles. Mas a inveja e o ciúme o afligiam, sempre que ele virava os olhos para Jahilia.

Porque a beleza da cidade brilhava esplêndida, enquanto Jathrib se desvanecia face à visão da sua brilhante aparência.

Então ele arrastava-se muitas vezes juntamente com os seus miseráveis seguidores até Jahilia para satisfazer os seus gananciosos olhos com o esplendor dessa cidade.

No entanto, ele não se arriscava a aproximar-se uma vez que tinha receio da força de Ashtaroth.

Como vermes os escravos de Zabaoth se mantinham em torno das muralhas de Jahilia. E como irritantes parasitas eles se lançavam sobre as caravanas que saíam da cidade ou entravam nela.

Assim o povo de Jahilia enviou o seu poderoso exército para perseguir os vermes, que se haviam tornado uma praga. Mas por maligna iniquidade os escravos de Zabaoth prevaleceram sobre o honroso exército de Jahilia.

E assim a mais espantosa de todas as batalhas irrompeu entre Zabaoth e Anu, o senhor dos restantes deuses. Foi uma batalha sem misericórdia nem compaixão, pois o destino da humanidade e da terra seria decidido.

Frenéticos pelo arrebatamento selvagem da sua cegueira, os escravos de Zabaoth lutaram contra os seus oponentes, pois ansiosamente eles desejavam a sua própria morte, à qual Mahound os tinha docemente convencido.

E os deuses lançaram-se com todo o seu poder de guerra para a batalha, e Zabaoth lançou-se contra eles com todos os seus exércitos. E aconteceu que a sorte da guerra se virou contra Anu e os seus deuses, pois Marduk e Anu já não se encontravam entre eles. Os escravos de Zabaoth, no entanto, regozijaram-se com a visão da sua vitória.

E assim o exército do sinistro deus marchou por entre os portões de Jahilia, a cidade derrotada.

Agora, quando Ashtaroth se apercebeu da calamidade da derrota, e quando ela viu que nenhuma esperança existia mais sobre a terra, ela chamou os últimos dos seus discípulos.

E Ashtaroth disse-lhes:

« Este é o mais negro de todos os dias, pois este é o dia de Zabaoth. O meu poder está quebrado, e os meus templos encontram-se profanados e destruídos. Mas a minha guerra não estará terminada enquanto pelo menos um de vós preservar a memória de mim. »

Assim, ela escolheu um entre os seus discípulos, cuja alma era fria mas intacta e sedenta por batalha. E ela acendeu o seu fogo na alma dele, o que o encheu de agonia.

De seguida ela disse-lhe:

« Tu serás o Sentinela, que vive na escuridão para guardar a chama. E se a memória se extinguir entre os humanos, tu serás o último, guardando a faísca que conseguirá acender de novo o fogo do meu poder. Mas é um destino difícil que eu te imponho. Pois a chama viverá eternamente da sua alma, mas o fogo nunca te preencherá. Aquilo que se inflama, extinguir-se-á. Tu, no entanto, és o Sentinela, e portanto nunca te irás inflamar. Guarda a chama da memória, e passa-a àqueles que virão depois de ti! »

Depois, Ashtaroth dirigiu-se aos restantes discípulos e disse-lhes:

« Lutai contra esse deus que chama a si mesmo o único, onde quer que o encontrais e aos seus símbolos! E mesmo com o vosso último suspiro amaldiçoi o nome dele! »

Depois de ter completado as suas palavras, ela transformou-se num gato. E quando Mahound e o bando dos seus guerreiros irrompeu pelo templo da deusa, ela escapou aos seus capangas como uma sombra negra.

E ela procurou refúgio no abismo do submundo, o reino de Belial, o Destruidor.

Nessa mesma hora em que Zabaoth conseguiu o seu maior triunfo e toda a humanidade rastejava aos seus pés, a lua cheia escureceu-se. A era do desespero mais profundo tinha começado, e as trevas cobriram a terra.

VII

CALIGO

Esta é a Era das Trevas. Pois Zabaoth governa a terra, e toda a esperança se extinguiu.

O seu jugo pesa profundamente sobre os humanos, e o mundo tornou-se um lugar de desolação.

Decadência e esquecimento caíram sobre o império da Cidade. E a anterior grandeza dos humanos desvanece-se no esquecimento.

Mas o deus sinistro estava ainda obcecado pelo ódio contra Ashtaroath. Dessa forma, ele condenou todo o género feminino à mais inferior escravidão, pois o seu espírito imundo abominava a pureza das mulheres, nelas vendo Ashtaroath. E ele desonrou a sua beleza, fazendo-as taparem-se com feios farrapos.

Entretanto, os humanos discordavam sobre as palavras de Zabaoth. E aqueles que seguiam Mahound lutavam contra aqueles que seguiam Christos. E mesmo esses discordavam entre si. Assim, os humanos matavam-se uns aos outros sem qualquer sentido, e a miséria aumentou. Pois eles herdaram a intolerância de Zabaoth, e a miséria não mais o assustava, pois apenas a escuridão e a tristeza prevaleciam sobre a terra.

Ao mesmo tempo, agradava a Zabaoth que atormentasse os humanos com doença e putrefacção. E quando milhares morreram, ele apreciou ver os seus escravos a rastejarem perante

ele e a implorarem pela sua misericórdia, tentando impedi-lo de cometer estas atrocidades.

Sim, esta é a Era das Trevas. Este é o reinado que agrada a Zabaoth.

Mas Belial, o Destruidor, ergueu-se do abismo do submundo, e ele ganhou o poder de desafiar o senhor da terra. Embora a sua força não se comparasse à de Zabaoth, ele para sempre permaneceu o espinho na carne do seu antigo mestre.

Agora que as forças do submundo eram as últimas a rebelar-se contra a onnipotência de Zabaoth, também Ereshkigal, a esquecida deusa desse reino, estabeleceu uma aliança com elas. Assim Belial ganhou o poder da magia e das artes negras através dela.

Agora quando nesses anos negros a miséria dos humanos se tornou mais e mais atroz, eles ansiaram pela era dos antigos deuses.

E eles libertaram Chusor das suas correntes, o qual tinha sido um desses deuses, mas que agora servia apenas como escravo de Zabaoth. Quando ele sentiu de novo a liberdade nas suas mãos depois de mais de mil anos, ele deu aos humanos a arma do raio e o poder de dez vezes mais escrituras.

E assim o reino de Zabaoth foi tomado por grande inquietação. E muitos humanos libertaram-se do seu jugo.

Por essa razão, Zabaoth procurou por aqueles que abalavam o seu reino. E ele apercebeu-se das actividades de Belial e dos seus aliados.

Assim, Zabaoth invocou dois dos seus escravos e ordenou-lhes que lhe forjassem um martelo, o qual iria esmagar todos os servos dos seus opositores.

E assim eles criaram o Martelo da Danação, trazendo medo e terror sobre a terra.

Terrivelmente o martelo se encolerizou entre as donzelas de Ashtaroth e as de Ereshkigal, e mesmo Belial tremeu sob os seus poderosos golpes. Onde quer que o martelo de Zabaoth batesse, aí ele acendia tochas de carne humana, e os choros das vítimas ecoavam sobre a terra.

Sim, esta é a Era das Trevas. Este é o reinado que agrada a Zabaoth.

A maior das donzelas de Ashtaroth nesse tempo era a Condessa Elizabeth. O seu pai e o seu irmão, no entanto, eram devotos escravos de Zabaoth. E então eles forçaram Elizabeth a submeter-se a um marido.

Mas ela tornou-o o seu próprio escravo, enfeitiçando-o com o charme da sua beleza. E quando ele se tornou um estorvo para ela, ela livrou-se dele e recuperou a sua liberdade.

Entretanto ela criou um templo para Ashtaroth secretamente escondido numa gruta. Para aí ela levou todas as filhas dos escravos de Zabaoth que conseguiu, para que elas se sacrificassem por sua própria vontade e para o prazer da sua

deusa. E ela ganhou juventude eterna, enquanto se banhava no sangue das virgens executadas.

Mas o rei da terra ouviu falar desse templo de Ashtaroth, e assim ele deu o Martelo da Danação a um dos seus servos, enviando-o até Elizabeth.

Cruelmente o martelo revelou o seu poder.

O templo de Elizabeth foi esmigalhado e a sua serva decapitada. Os dedos das donzelas do templo foram arrancados das suas mãos, e foram queimadas vivas no fogo. A própria Elizabeth foi acorrentada e lançada para a sua própria masmorra. Assim os escravos de Zabaoth quiseram humilhá-la com tristeza eterna.

Sim, esta é a Era das Trevas. Este é o reinado que agrada a Zabaoth.

Mas o triunfo final não foi garantido pelos escravos de Zabaoth, pois Elizabeth deixou o seu corpo mortal, e Ashtaroth levou a sua alma consigo.

Isto aconteceu no vigésimo-primeiro dia da oitava lua.

Assim, lembrai-vos de Elizabeth, a donzela de Ashtaroth, nesse dia!

Entretanto o reinado de Zabaoth durou até aos dias presentes. Mas o Deus Sombrio não conseguiu manter a dimensão do seu antigo poder. Pois os humanos ansiavam pela liberdade, e houve muitos entre eles que se livraram do seu domínio.

Mas o poder de Zabaoth ainda não foi derrotado. E o seu espírito corrupto sobrevive até naqueles que julgam estar livres do seu feitiço.

VIII

MALEHUDA

Assim chegou o tempo em que um novo profeta iria falar ao homem. Assim chegou o tempo de Malehuda.

E aconteceu que um homem cruzou o abismo dos milénios. E ele caminhava por sendas que já não eram caminhadas há muito tempo. Ele era um estranho para os humanos, e eles eram estranhos para ele.

E uma mulher viu-o dirigir-se a ela. Mas estava cheia de uma profunda tristeza, pois um demónio negro obcecava o seu espírito. Humildade era o nome desse demónio, e ele envolveu a alma da mulher em escuridão.

Quando esse homem veio até ela, a mulher ficou com medo e quis fugir diante dele.

Mas esse homem disse-lhe: « Não fujas, pois tu não podes escapar àquilo que te faz ter medo! »

Então a mulher parou, uma vez que a confusão tinha subjugado o demónio que a obcecava.

E esse homem ordenou ao demónio: « Sai desta mulher, atormentador dos humanos! Rasteja de novo até Zabaoth, o teu mestre, o senhor da imundície e de todos os espíritos malignos! »

Por essa razão o demónio atormentou a alma da mulher com toda a força da sua abominação, pois ele não queria desistir de quem ele tomara possessão. Mas ele não foi capaz de resistir à

força daquele homem. E então ele finalmente rastejou para fora do coração da mulher e foi soprado por uma rajada de vento.

A mulher no entanto foi tomada por alegria e alívio, pois o seu orgulho havia sido libertado das suas correntes demoníacas. Os seus olhos ficaram cheios de lágrimas de alegria, e gratamente se ajoelhou perante o homem. Mas o homem recuou assustado e gritou: « Não te ajoelhes perante mim! Pois tu não és mais uma esposa, mas uma mulher. O reflexo de Ashtaroth encontra-se em ti. Eu no entanto, nada sou. »

A mulher disse, no entanto: « Não afastaste tu o sombrio demónio para longe da minha alma? Quem és tu para teres conseguido fazer isso? »

E o homem respondeu: « Eu sou o lobo, que invade o rebanho para roubar as ovelhas. Mas as ovelhas que eu roubo tornam-se, elas próprias, lobos. »

Mas a mulher não compreendeu as suas palavras, e então disse: « Mas, se me perguntarem quem foi que retirou o demónio de mim, o que deverei eu responder? »

E aquele homem respondeu: « Diz-lhes que Malehuda chegou! E diz-lhes que ele veio para acender a chama na escuridão! »

Então aquele homem, que era Malehuda, seguiu o seu caminho, pois havia muito trabalho a ser feito. A mulher no entanto apressou-se a contar ao povo sobre Malehuda.

Malehuda apercebeu-se da escuridão que cobria o mundo. Para onde quer que ele virasse os seus olhos, ele só via monotonia e fealdade, pois Zabaoth ainda tinha grande poder sobre os

mortais. E assim Malehuda entrou na cidade, que estava em seu caminho, e disse ao povo:

« Ó escravos de Zabaoth, o que haveis vós feito à beleza da terra? O que antes era grandioso e esplêndido tornou-se pequeno e feio pela vossa mediocridade.

Vós haveis retirado o encanto da vida, quando trouxestes o vazio e a uniformidade para o mundo. Vós o haveis chamado paz, mas na verdade era a paz da morte.

Vós haveis retirado a força dos fortes para os tornardes ovelhas do vosso rebanho.

Vós haveis retirado a graça do género feminino e o reduzistes à escravidão para com os homens, para agradar a um deus que apenas conhece o amor anti-natural pelo seu próprio género.

Como podeis vós chamar a esse deus o Único, o qual ofende a natureza pelos seus feitos e leis? »

Entre as pessoas que ouviam as palavras de Malehuda, havia também um sacerdote de Zabaoth. E ele perguntou-lhe: « Em nome de quem falas tu, que blasfema deus, o Todo-Poderoso? »

E Malehuda respondeu-lhe: « Eu falo em nome da terra, e eu falo em nome de Ashtaroth, a minha deusa. »

Então o sacerdote perguntou: « Como podes tu falar em nome de uma deusa, se só existe um deus? Pois apenas um deus criou o céu e a terra, então só pode existir um único deus criador. »

Mas Malehuda respondeu-lhe:

« Incriada é a terra. E incriado é o homem.

Vê, do pó da terra nasceu o homem, assim como a terra nasceu do pó das estrelas. »

Então o sacerdote de Zabaoth riu-se e disse: « Então diz-me, quem criou as estrelas das quais nasceu a terra! »

Mas Malehuda disse:

« Se todas as coisas precisassem de um criador que as tivesse criado, quem então teria criado o criador?

Vê, não existe onipotência! E mesmo esse deus que se vangloria disso, não possui poder suficiente para governar sobre mim. »

Então o sacerdote de Zabaoth sentiu-se ultrajado e berrou:

« Como te atreves a colocar-te acima de deus? »

Mas Malehuda disse-lhe: « Cala-te, miserável escravo do teu deus! Pois a humildade de escravo fala através da tua boca. »

Então o sacerdote de Zabaoth arrastou-se até ao seu grupo corrupto, para informar os outros sobre Malehuda.

Quando Malehuda percorria as ruas da cidade, ele foi tomado por grande surpresa, pois em lado nenhum ele vislumbrava uma mulher.

Apenas homens e fantasmas apareciam à sua frente.

Então uma descoberta repentina veio até ele, e ele arrancou o véu de um dos fantasmas, com os quais se escondia. E eis que apareceu uma mulher, e qual se tinha ocultado debaixo do robe escuro.

Mas o povo que viu isto, ficou ultrajado com a vergonha daquela visão.

Então Malehuda disse:

« Calai-vos, pecadores contra-natura!

Pois vós sabereis que a mulher que esconde o seu corpo, insulta-se a si própria e à sua beleza. »

Dessa forma o povo insultado ficou silencioso, e Malehuda continuou o seu caminho.

Uma vez que Malehuda tinha atraído grande atenção, os conselheiros da cidade convidaram-no a falar no seu concílio. E o profeta foi acompanhado até ao edifício onde os mais sábios homens da cidade se tinham reunido.

Mas quando Malehuda os viu, ele disse:

« O que estou eu a fazer neste sítio? Onde mais que três homens se tiverem reunido sem uma mulher, não existe lugar para mim. Pois onde estão aqueles que preferem o seu próprio género, aí eu não tenho nada a tratar. »

E então ele voltou-se e abandonou o conselho da cidade.

Uma vez que Malehuda tinha enfurecido os sacerdotes de Zabaoth e os conselheiros da cidade, eles enviaram guerreiros armados atrás dele. E quando eles o apanharam, eles trancaram-no na masmorra da cidade. Mas quando Malehuda viu que existiam três homens na masmorra além dele, ele disse ao guarda que o havia conduzido até ali:

« Leva-me para outro lado! Um homem tolerará apenas mulheres no lugar onde ele deve descansar, pois de outra forma ele insulta Ashtaroth. »

Mas o guarda ignorou as suas palavras e trancou a porta atrás de si.

Assim, Malehuda manteve-se acordado até que o dia escureceu. E quando os homens que estavam trancados juntamente com ele adormeceram, ele matou-os antes que eles pudessem acordar novamente. Depois, ele foi para a sua cama.

Quando Malehuda foi levado ao tribunal da cidade na manhã seguinte, o juiz disse-lhe: « Tu pecaste contra Zabaoth, e

assassinaste três homens. Não conheces tu a lei à qual deves obedecer? »

Mas Malehuda respondeu-lhe:

« O que significa a vossa lei para mim? Vós haveis feito esta lei, então obedeci-lhe! Eu no entanto não fiz qualquer lei, então também não obedecerei a qualquer lei. »

Então o juiz disse: « A lei aplica-se a tudo e a todos. E ninguém está excluído da lei. »

Assim respondeu Malehuda:

« Maldita seja a lei! Pois onde existe a lei, não pode existir a liberdade. Se o homem precisasse de leis, elas ser-lhe-iam dadas pela natureza e não necessitariam de lhe ser impostas.

E maldita mais uma vez seja a lei! Pois ela é a maléfica criação da escuridão. Pela braçadeira de ferro da lei, a própria vida foi sufocada até à morte. »

Então o juiz pronunciou esta sentença para Malehuda:

« Uma vez que não mostras respeito por mim nem pela lei, eu ordeno que sejas condenado à morte antes de despontar o dia de amanhã. »

Mas Malehuda respondeu-lhe: « Eu não obedeco aos teus mandamentos nem aos mandamentos de qualquer homem. Pois tu não és nada que eu também não seja. Então porque é que te deverei obedecer? »

Dessa forma o juiz ordenou que guerreiros armados o levassem para a masmorra, onde ele aguardaria pela hora da sua morte.

Mas durante a noite, quando Malehuda esperava na masmorra, de repente um homem veio até ele. Ele nunca o tinha visto, mas

mesmo assim reconheceu-o, pois aquele era o Sentinela de Ashtaroth.

E o Sentinela perguntou-lhe: « És tu o profeta de Ashtaroth? »

E Malehuda respondeu: « Para falar por Ashtaroth, eu cruzei os abismos do tempo. »

Assim o Sentinela examinou-o e reconheceu-o. E assim ele disse a Malehuda: « Segue-me, e não te preocupes! Pois aqueles que te mantiveram preso já não estão vivos. »

Dessa forma eles saíram da masmorra, onde Malehuda tinha sido aprisionado. E o Sentinela conduziu Malehuda àqueles que tinham seguido as palavras dele.

Então os servidores de Ashtaroth vieram até Malehuda e disseram-lhe: « Mostra-nos a deusa, para que nós a vejamos com os nossos olhos! »

E Malehuda respondeu-lhes:

« O poder de Zabaoth ainda é muito grande para permitir que Ashtaroth se pudesse mostrar perante vós.

Mas sabeis isto: Em cada mulher a imagem de Ashtaroth está reflectida, quanto mais semelhante e mais guerreira ela for; e quanto mais diferente, mais facilmente se torna uma mãe. »

Isto e muito mais Malehuda disse àqueles que o seguiam.

Uma vez, veio uma mulher e um homem até Malehuda e pediram-lhe a bênção para a união em que eles se iriam comprometer.

Então Malehuda disse-lhes:

« Ímpia é a união entre um homem e uma mulher! Pois sozinho nasce o homem, e sozinho morrerá. Porque não deveria ele viver sozinho também? »

Assim, eles disseram um para o outro: « Então separemos a mulher do homem! »

Mas então Malehuda foi tomado pela fúria e gritou:

« Também quereis pecar contra a natureza como fazem os escravos de Zabaoth? Vide: Onde os géneros estão separados, aí Ashtaroath é ofendida. E malditos sejam todos os que ofendem Ashtaroath e pecam contra a natureza! »

Isto e muito mais Malehuda disse àqueles que o seguiam.

Finalmente chegou o dia em que Malehuda juntou em torno de si todos aqueles que o seguiam, de modo a falar-lhes pela última vez. E ele disse-lhes:

« Eu fiz aquilo que me foi pedido para fazer. De agora em diante sois vós que ficareis encarregues de continuar a guerra.

Não vos esqueceis do nome do inimigo! Zabaoth é ele chamado. E ele é o deus da escuridão, pois tudo o que é dele é imundo e corrupto. Todas as manhãs em que acordardes, amaldiçoareis o nome de Zabaoth!

Pela marca da danação vós reconhecereis os mais miseráveis escravos dele, pois eles mutilaram o seu próprio género para selar a aliança com o abominável mestre deles.

Jamais descansai até que o último dos escravos dele seja eliminado da face da terra e o seu nome seja apagado da memória humana! »

Isto e muito mais Malehuda disse àqueles que o seguiam.

Então ele partiu, e eles não sabiam para onde ele fora.

IX

APOCALYPSIS

Este é o dia vindouro, o Dia da Batalha Final.

Este é o dia em que o destino da terra será decidido.

Ouvi, mortais, sete sinais irão anunciar a aproximação da Batalha Final!

Então uma estrela erguer-se-á no céu, e os humanos ficarão assustados com a sua visão.

E este será o primeiro sinal.

Então os raios do sol cegarão os humanos e queimarão a sua pele.

E este será o segundo sinal.

Então as plantas e os animais na terra perecerão, e nada restará aos humanos na terra para saciarem a sua fome.

E este será o terceiro sinal.

Então o fogo em todas as fornalhas será extinguido.

E este será o quarto sinal.

Então virá um dilúvio e afogará os humanos nas costas do oceano.

E este será o quinto sinal.

Então, homem erguer-se-á contra homem.

E este será o sexto sinal.

Então os reinos da terra desmoronar-se-ão.

E este será o sétimo sinal.

Então, quando se completarem os sinais, Zabaoth olhará para a terra em baixo. Ele verá que chegou a altura, e enviará o último dos seus profetas, de forma a restaurar o seu poder.

Mas no mesmo dia o filho de Belial, o Destruidor, nascerá de uma fêmea humana, e tornar-se-á o líder de um poderoso exército.

Com este exército ele marchará contra os escravos de Zabaoth, e o seu punho esmagará o último profeta. Os escravos de Zabaoth, no entanto, nadarão num mar de sangue.

Então o próprio deus sinistro apressar-se-á em seu auxílio. E Christos, o seu filho, chamado de Corruptor da Humanidade, estará com ele. Todo o exército do seu pai irá acompanhá-lo. E Maria, a Prostituta de Zabaoth, estará ao seu lado.

Então as forças de Belial reunir-se-ão para os combaterem. Será o próprio Destruidor a liderá-los, e Ereshkigal acompanhá-lo-á.

Quando os poderosos exércitos se encontrarem, a Batalha Final rebentará. E o destino dos humanos e dos deuses será decidido.

Vide, nesta hora Ashtaroth lançar-se-á na batalha montada no seu cavalo negro para trespassar os escravos de Zabaoth com as suas flechas de fogo. O esplendor da sua beleza intocada iluminará a batalha.

E os seus inimigos ficarão paralizados com a visão da sua aparência sublime, ao mesmo tempo que ela trará morte e destruição às suas fileiras.

Então deixai-me contar-vos sobre o triunfo da deusa Ashtaroth! Ela quebrará o poder de Zabaoth, e Baldium, o seu aterrorizador corcel, devorará a alma do deus sinistro, para que ele não mais volte.

O nome dele será extinguido para sempre, e ninguém entre os mortais se lembrará dele.

E como ele, a Prostituta e seu filho serão apagados da face da terra, para que não possam mais manifestar a sua influência.

Então até a mulher que era antes chamada a Grande Mãe conseguirá soltar-se, e ela reconhecerá a grandeza da sua anterior adversária Ashtaroth.

Entretanto, Chusor, o antigo ferreiro dos deuses, será libertado das suas correntes. Em liberdade ele alcançará as estrelas do céu infinito.

E Ashtaroth estabelecerá o seu império na terra, que se chamará Gehenna. O céu acima tornar-se-á vermelho com fogo e sangue. Pois esse será o reino da luxúria e da paixão, a paixão que não reconhece nem piedade nem compaixão. Aqui os orgulhosos guerreiros de Ashtaroth desfrutarão da agonia dos seus escravos, que antes tinham servido o deus sinistro. Pois daí em diante eles apenas servirão os desejos dos seus novos donos.

Os templos e altares ficarão cheios do sangue deles, e os seus choros de dor encherão o ar como música encantadora. Ashtaroth ouvirá a melodia dos seus choros e regalará os seus olhos com a visão dos sacrifícios.

Alegria e espíritos elevados encherão a terra à luz do sol, enquanto as noites serão iluminadas pelo fogo de orgias licenciosas, onde os humanos satisfarão os seus desejos lascivos.

Nenhuma lei escravizará os humanos, porque a liberdade triunfará sobre o poder corrupto da ética e da moral.

Assim, o homem reconquistará a sua força antiga. Cheio de orgulho e força ele ultrapassará todas as fronteiras da natureza.

E Ashtaroth fará brilhar a beleza da terra e porá um fim ao reino da fealdade, cujas horríveis garras tinham aprisionado a terra durante tanto tempo.

E então Helal, a cidade de Ashtaroth, será reconstruída. Será a flor das cidades, assim como o género feminino é a flor da humanidade.

Será a capital do império Gehenna, e daí Ashtaroth governará a terra.

Assim arderá o fogo da vida, e apagará as últimas marcas da actividade corrupta do Deus Sombrio.

E aqueles que rastejaram aos pés de Zabaoth, o mais miserável dos deuses, permanecerão na sua miséria, a qual eles escolheram para si próprios no seu pensamento limitado.

Dessa forma, amai a vida e permanecei leais a ela! Desprezai a morte e não vos deixais seduzir pelo seu doce odor a decadência! Jamais temei a ferocidade e crueldade de Ashtaroth, pois essa é a ferocidade e a crueldade do predador! De igual forma tornai-vos predadores, e sangue quente pulsará nas vossas veias.

Isto é o que Ashtaroth deseja, a deusa da vida, a senhora da paixão e da luta eterna.

Isto foi escrito por um vassalo da Deusa.

Em adoração eterna a Ashtaroth,
cujá beleza ilumina a terra,
e cujo nome perdurará além do tempo.